



Saúde pública e os desafios enfrentados pelos profissionais atuantes no Sistema Único de Saúde (SUS)

Camila Rocha Vilela , Jessyca Leite Guimarães Campos Genu , Elvis Vinicius Silva Lira , Danylo José Simões , Marina de Godoy Almeida , Haline Rachel Lino Gomes , Isabeli Cristiane Barbosa Sales , Ana Carolina Câmara Silva Guedes , Mayara Esteves França Assunção, Patrick Anderson Castro de Matos, Daiane Dalmarco , Salomão Leal Amava , Luiz Fernando Brígido Castro , Jefersson da Silva França , Marina de Godoy Almeida , João Luiz Quirino da Silva Filho



<https://doi.org/10.36557/2674-8169.2025v7n5p247-258>

Artigo recebido em 26 de Março e publicado em 06 de Maio de 2025

ARTIGO ORIGINAL

RESUMO

A presente pesquisa teve como objetivo analisar os desafios enfrentados pelos profissionais atuantes no Sistema Único de Saúde (SUS), considerando aspectos estruturais, organizacionais e humanos que impactam diretamente na qualidade dos serviços prestados e nas condições de trabalho. Com abordagem qualitativa, prática e descritiva, o estudo foi realizado com 18 profissionais de diferentes categorias da saúde, por meio de entrevistas semi estruturadas, cuja análise se deu a partir da técnica de análise de conteúdo. Os resultados revelaram uma realidade marcada por sobrecarga de trabalho, escassez de recursos humanos e materiais, infraestrutura precária, falhas na gestão e falta de valorização profissional, além de consequências negativas na saúde mental dos trabalhadores. Apesar das adversidades, os participantes demonstraram comprometimento com a população, utilizando estratégias de enfrentamento baseadas na solidariedade, capacitação e vínculo com os usuários. Conclui-se que a valorização dos profissionais do SUS é essencial para a consolidação de um sistema público de saúde mais justo, eficiente e humanizado, sendo urgente a implementação de políticas que garantam melhores condições de trabalho e reconhecimento àqueles que sustentam o funcionamento do SUS.

Palavras-chave: Saúde pública; SUS; Profissionais.

Public health and the challenges faced by professionals working in the Unified Health System (SUS)

ABSTRACT

This research aimed to analyze the challenges faced by professionals working in the Unified Health System (SUS), considering structural, organizational and human aspects that directly impact the quality of services provided and working conditions. With a qualitative, practical and descriptive approach, the study was conducted with 18 professionals from different health categories, through semi-structured interviews, whose analysis was based on the content analysis technique. The results revealed a reality marked by work overload, shortage of human and material resources, precarious infrastructure, management failures and lack of professional appreciation, in addition to negative consequences for the mental health of workers. Despite the adversities, the participants demonstrated commitment to the population, using coping strategies based on solidarity, training and bonding with users. It is concluded that the appreciation of SUS professionals is essential for the consolidation of a fairer, more efficient and humanized public health system, and that it is urgent to implement policies that guarantee better working conditions and recognition for those who support the functioning of SUS.

Keywords: Public health; SUS; Professionals.

Autor correspondente: *Camila Rocha Vilela*

This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).





INTRODUÇÃO

A saúde pública no Brasil é estruturada a partir de princípios que visam garantir o acesso universal, integral e equitativo aos serviços de saúde para toda a população. Este modelo foi consolidado com a criação do Sistema Único de Saúde (SUS), instituído pela Constituição Federal de 1988. O SUS representa uma das maiores políticas públicas de saúde do mundo, sendo responsável por atender cerca de 75% da população brasileira. Ao longo das últimas décadas, o sistema tem desempenhado um papel fundamental na promoção, prevenção, tratamento e reabilitação em saúde, contribuindo significativamente para o aumento da expectativa de vida e a redução das desigualdades sociais. Apesar de sua importância e abrangência, o SUS enfrenta uma série de desafios que comprometem a eficiência e a qualidade do atendimento prestado (Paim, 2018).

Entre os principais obstáculos estão a escassez de recursos financeiros, a má gestão em alguns níveis administrativos, a alta demanda por serviços, a infraestrutura deficiente em determinadas regiões e a carência de profissionais em áreas remotas. Esses fatores impactam diretamente na organização dos serviços de saúde e na capacidade de resposta do sistema às necessidades da população (Peduzzi, 2016).

Nesse contexto, os profissionais da saúde que atuam no SUS são peças-chave para o funcionamento e a efetividade do sistema. Médicos, enfermeiros, técnicos, agentes comunitários, psicólogos, fisioterapeutas, entre outros, compõem uma força de trabalho que enfrenta diariamente realidades complexas e, muitas vezes, adversas. Eles lidam com sobrecarga de trabalho, jornadas exaustivas, falta de insumos básicos, atrasos salariais e estruturas físicas inadequadas. Ainda assim, são responsáveis por manter o atendimento ativo e humanizado, mesmo diante das dificuldades enfrentadas no cotidiano (Santos; Campos, 2015).

A valorização desses profissionais tem sido tema recorrente em debates acadêmicos, políticos e sociais. A precarização das condições de trabalho, a insuficiência de programas de capacitação contínua, a violência institucional e o adoecimento físico e mental dos trabalhadores da saúde são aspectos que merecem atenção e intervenções



urgentes. Além disso, o reconhecimento social e profissional muitas vezes não corresponde à responsabilidade e ao esforço exigidos por suas funções (Silva, 2020).

Outro ponto crítico diz respeito à distribuição desigual de recursos humanos pelo território nacional. Enquanto grandes centros urbanos contam com maior concentração de profissionais e serviços especializados, regiões periféricas e áreas rurais sofrem com a ausência de equipes completas e a rotatividade constante de trabalhadores. Essa desigualdade compromete a equidade no acesso à saúde, um dos princípios fundamentais do SUS (Tetemann; Trugilho; Sogame, 2016).

A pandemia de COVID-19 evidenciou ainda mais os desafios enfrentados pelos profissionais da saúde pública. A crise sanitária exigiu uma atuação intensa e emergencial, levando muitos trabalhadores ao limite físico e emocional. A escassez de Equipamentos de Proteção Individual (EPIs), a alta exposição ao risco de contaminação e o número elevado de óbitos entre profissionais reforçaram a necessidade de políticas públicas mais eficazes voltadas à proteção e valorização desses agentes essenciais (Tetemann; Trugilho; Sogame, 2016).

Por outro lado, é importante destacar as inúmeras iniciativas de resistência e inovação desenvolvidas dentro do próprio SUS. Estratégias como a Atenção Primária à Saúde, as práticas de educação permanente, o apoio matricial e o fortalecimento das redes de cuidado têm demonstrado a capacidade do sistema de se reinventar diante das adversidades. Os profissionais de saúde, nesse cenário, têm se mostrado protagonistas de mudanças e melhorias, mesmo em contextos de fragilidade institucional (Silva, 2020).

Diante dessa complexa realidade, o objetivo da presente pesquisa foi analisar os desafios enfrentados pelos profissionais que atuam no Sistema Único de Saúde (SUS), considerando aspectos estruturais, organizacionais e humanos, com foco nas condições de trabalho, nas estratégias de enfrentamento e nas perspectivas para o fortalecimento da saúde pública no Brasil.

METODOLOGIA

A presente pesquisa caracterizou-se como um estudo de abordagem qualitativa, com natureza prática e descritiva. A escolha por essa abordagem se deu em razão da

necessidade de compreender, em profundidade, as percepções, experiências e desafios vivenciados pelos profissionais que atuam no Sistema Único de Saúde (SUS). O enfoque qualitativo permite explorar aspectos subjetivos da realidade social, valorizando o ponto de vista dos participantes e promovendo uma análise mais sensível aos contextos e significados atribuídos por eles às suas vivências profissionais (Lima et al., 2020; Lima; Domingues Junior; Gomes, 2023; Lima; Domingues Júnior; Silva, 2024; Lima; Domingues; Silva, 2024; Lima; Silva; Domingues Júnior, 2024).

A pesquisa foi desenvolvida no primeiro trimestre de 2025, em unidades de saúde públicas localizadas em um município de médio porte, abrangendo tanto a atenção básica quanto a atenção especializada. O critério de escolha das unidades foi a diversidade de perfis de atuação dos profissionais, com o objetivo de obter um panorama mais representativo das dificuldades enfrentadas no cotidiano do SUS. Participaram do estudo 18 profissionais da área da saúde, entre eles médicos, enfermeiros, técnicos de enfermagem, agentes comunitários, psicólogos e assistentes sociais.

Os participantes foram selecionados por meio da técnica de amostragem intencional, priorizando aqueles com pelo menos um ano de atuação no SUS e que estivessem disponíveis para colaborar com a pesquisa de forma voluntária. Para a coleta de dados, foram realizadas entrevistas semiestruturadas, com roteiro previamente elaborado, contendo questões abertas que possibilitaram aos participantes expressarem suas opiniões, sentimentos e percepções acerca das condições de trabalho, infraestrutura, gestão, valorização profissional e estratégias de enfrentamento dos desafios diários. As entrevistas foram conduzidas presencialmente, em ambientes reservados, garantindo privacidade e conforto aos respondentes.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise das entrevistas revelou uma série de desafios enfrentados pelos profissionais atuantes no Sistema Único de Saúde (SUS), os quais foram organizados em cinco categorias principais: condições de trabalho, infraestrutura e recursos, gestão e organização, valorização profissional e estratégias de enfrentamento. A seguir,

apresentamos os principais achados com base nos relatos dos 18 participantes da pesquisa.

Um dos aspectos mais recorrentes nas falas foi a sobrecarga de trabalho enfrentada pelos profissionais. Muitos relataram que o número de atendimentos diários é excessivo, o que compromete a qualidade do serviço prestado e afeta diretamente a saúde física e emocional dos trabalhadores. Segundo a participante E08, “há dias em que não conseguimos parar nem para almoçar, o fluxo é constante, e somos poucos para atender todo mundo”. Essa sobrecarga está intimamente ligada à falta de pessoal nas unidades de saúde, especialmente em equipes da Atenção Básica.

A participante E11 destacou que, “muitas vezes, temos que assumir funções que não são nossas porque falta médico ou técnico, e a demanda não para. Isso gera estresse e sensação de impotência”. Essa realidade demonstra um descompasso entre o planejamento de recursos humanos e as reais necessidades das unidades. Além da carência de profissionais, os entrevistados apontaram para deficiências na infraestrutura física e nos recursos materiais. Vários relataram a precariedade das instalações, com consultórios improvisados, mobiliário antigo e infiltrações.

Conforme relatou E03, “em dias de chuva, a sala onde atendo alaga. Já precisei transferir pacientes porque não havia condições mínimas”. Esse tipo de cenário impacta tanto o trabalhador quanto o usuário do serviço. A falta de insumos e equipamentos básicos também foi fortemente mencionada. Muitos participantes relataram a ausência de materiais como luvas, seringas, medicamentos e até papel para impressora. “Trabalhar no SUS é fazer mágica com o pouco que temos”, afirmou E17, revelando a criatividade e o improviso que os profissionais precisam adotar para continuar atendendo a população.

Outro ponto crítico foi a gestão e organização interna das unidades de saúde. Os relatos indicam que a má distribuição de tarefas, a falta de comunicação entre setores e o excesso de burocracia dificultam o funcionamento eficaz dos serviços. De acordo com E05, “às vezes, o problema não é nem a falta de material, mas a demora para conseguir autorização ou liberação, o que nos faz perder tempo e atrasa o atendimento”. Nesse contexto, a falta de escuta por parte da gestão aparece como um agravante. Vários profissionais sentem que suas demandas não são levadas em consideração. E10 comentou que “quando tentamos dialogar com a coordenação,



muitas vezes não somos ouvidos. Parece que quem está na gestão não conhece a realidade do dia a dia”. Isso revela um distanciamento entre os setores administrativo e operacional.

A valorização profissional é outro tema que permeou os discursos. Os participantes relataram sentimentos de desvalorização, tanto do ponto de vista salarial quanto do reconhecimento social. A participante E14 disse que “trabalhamos muito, lidamos com sofrimento todos os dias, mas não recebemos o devido reconhecimento. Isso desmotiva e cansa”. A instabilidade contratual e a precarização dos vínculos de trabalho também foram citadas. Muitos profissionais atuam sob contratos temporários, sem garantia de continuidade, o que gera insegurança e desmotivação. “Não sabemos se estaremos aqui no mês que vem. Isso impede até de fazer planos”, relatou E06.

Os entrevistados também relataram episódios de violência institucional e psicológica, vindos tanto de usuários quanto de superiores hierárquicos. E13 afirmou que “muitas vezes somos alvo de agressões verbais de pacientes, e nem sempre temos apoio da gestão. Isso nos deixa vulneráveis e inseguros”. Apesar das dificuldades, a pesquisa revelou resiliência e compromisso por parte dos profissionais. Muitos demonstram forte vínculo com a comunidade atendida e encontram motivação no impacto positivo que causam na vida das pessoas. E01 declarou que “ver a melhora de um paciente, receber um agradecimento, isso dá sentido ao nosso trabalho”.

As estratégias de enfrentamento adotadas pelos profissionais foram diversas. Entre elas, destacam-se o apoio entre colegas, a criação de redes de solidariedade e o investimento pessoal em capacitação. “Nos apoiamos muito uns nos outros, porque só quem está aqui entende o que passamos”, disse E09. Alguns profissionais apontaram que a formação continuada e a troca de experiências são formas de fortalecer a atuação, mesmo diante das dificuldades. E15 comentou que “participo de grupos de estudo com colegas, buscamos nos atualizar e discutir casos. Isso nos ajuda a manter o foco e o preparo”.

A atenção básica, embora considerada fundamental, foi descrita por alguns como um espaço ainda carente de estrutura. Muitos relataram que, mesmo sendo a porta de entrada do SUS, as unidades básicas são as mais negligenciadas. “Aqui na UBS faltam até itens de limpeza às vezes”, disse E12. Outros profissionais apontaram a pressão por metas e produtividade, que muitas vezes desconsideram a complexidade



dos atendimentos. E07 relatou que “temos metas a cumprir, mas nem sempre dá para atender em cinco minutos. Cada caso é um universo. Isso causa conflito entre a gestão e a prática”.

O tema da saúde mental dos profissionais apareceu com destaque. Muitos relataram sintomas de estresse, ansiedade e esgotamento emocional. E02 desabafou: “já pensei em desistir várias vezes. A pressão é grande, e sentimos que estamos sempre no limite”. Apesar disso, a maioria reconhece que o SUS é um sistema essencial para a população e acreditam em seu potencial. E04 afirmou que “o SUS é maravilhoso, tem princípios lindos, só precisa de mais apoio, mais investimento e mais respeito pelos profissionais”.

A pesquisa também revelou a importância do vínculo entre profissionais e usuários, que muitas vezes é o que sustenta o trabalho. “Tenho pacientes que me conhecem há anos, confiam em mim. Isso nos fortalece”, relatou E16. Por fim, foi possível perceber que muitos profissionais possuem esperança de transformação, mesmo que modesta. Acreditam que, com políticas públicas eficazes, maior investimento e valorização dos trabalhadores, o SUS pode se fortalecer. “A gente quer continuar lutando, mas precisamos de condições dignas”, concluiu E18.

Os resultados da pesquisa evidenciam, portanto, um cenário de contradições: de um lado, um sistema essencial e potente; de outro, profissionais sobrecarregados, desvalorizados e enfrentando inúmeros desafios estruturais. Ao dar voz a esses trabalhadores, este estudo busca contribuir para a reflexão crítica e o aprimoramento das políticas públicas em saúde no Brasil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve como objetivo analisar os principais desafios enfrentados pelos profissionais que atuam no Sistema Único de Saúde (SUS), considerando aspectos estruturais, organizacionais e humanos. A partir da escuta qualificada de 18 trabalhadores da saúde, foi possível traçar um panorama realista e sensível sobre a complexidade do cotidiano nas unidades públicas, revelando tanto as fragilidades do sistema quanto a força e o compromisso de seus profissionais.



Os resultados apontam para um cenário marcado por sobrecarga de trabalho, escassez de recursos materiais e humanos, precariedade das estruturas físicas, deficiências na gestão, ausência de valorização profissional e impactos diretos na saúde mental dos trabalhadores. Esses elementos, recorrentes nas falas dos entrevistados, evidenciam a urgência de ações concretas voltadas à melhoria das condições de trabalho no SUS e ao fortalecimento de políticas públicas que garantam suporte e reconhecimento aos seus profissionais.

Observou-se que, apesar das adversidades, os trabalhadores do SUS demonstram um profundo senso de responsabilidade social e compromisso com a população. Muitos relataram estratégias de enfrentamento baseadas na solidariedade entre colegas, no fortalecimento do vínculo com os usuários e na busca por capacitação contínua. Essa postura resiliente é, sem dúvida, um dos pilares que sustentam a efetividade dos serviços públicos de saúde no país. A escuta ativa desses profissionais permitiu não apenas identificar falhas no sistema, mas também refletir sobre caminhos possíveis para transformações.

Entre as sugestões implícitas nos relatos, destacam-se a necessidade de investimentos em infraestrutura, a contratação adequada de equipes multidisciplinares, o fortalecimento da gestão participativa, a oferta de suporte psicológico e emocional aos trabalhadores e a valorização salarial e institucional da força de trabalho do SUS. Além disso, a pesquisa reafirma a importância do SUS como uma política pública essencial, que promove acesso universal à saúde e contribui para a redução das desigualdades sociais. No entanto, para que esse sistema atinja todo o seu potencial, é imprescindível que os profissionais que o mantêm em funcionamento sejam ouvidos, respeitados e apoiados de forma contínua.

A análise qualitativa dos dados também demonstrou que a precarização das condições de trabalho não é apenas uma questão técnica ou administrativa, mas uma questão ética, que exige sensibilidade e compromisso dos gestores públicos, legisladores e da sociedade como um todo. Valorizar o trabalhador da saúde pública é, antes de tudo, valorizar a vida e a dignidade humana. Portanto, espera-se que esta pesquisa contribua para o debate acadêmico e institucional sobre os rumos da saúde pública no Brasil, especialmente no que diz respeito ao cuidado com os profissionais que



atuam na linha de frente do SUS. Que os relatos aqui apresentados possam sensibilizar e inspirar ações mais justas, humanas e eficazes.

Conclui-se, assim, que a construção de um SUS mais forte, eficiente e humanizado passa, necessariamente, pelo reconhecimento e valorização de seus profissionais. São eles os verdadeiros protagonistas da saúde pública brasileira, e seu bem-estar deve ser uma prioridade para qualquer proposta de melhoria do sistema.

REFERÊNCIAS

LIMA, L. A. O. et al. Quality of life at work in a ready care unit in Brazil during the covid-19 pandemic. **International Journal of Research -GRANTHAALAYAH**, [S. l.], v. 8, n. 9, p. 318–327, 2020. DOI: <https://doi.org/10.29121/granthaalayah.v8.i9.2020.1243>

LIMA, L. A. O.; DOMINGUES JUNIOR, GOMES, O. V. O. Saúde mental e esgotamento profissional: um estudo qualitativo sobre os fatores associados à síndrome de burnout entre profissionais da saúde. **Boletim de Conjuntura Boca**, 2023.
<https://doi.org/10.5281/zenodo.10198981>

Lima, L. A. O., Domingues Júnior, P. L., & Silva, L. L. (2024). Estresse ocupacional em período pandêmico e as relações existentes com os acidentes laborais: estudo de caso em uma indústria alimentícia. *RGO - Revista Gestão Organizacional*, 17(1), 34-47.
<http://dx.doi.org/10.22277/rgo.v17i1.7484>.

[LIMA, L. A. O.](https://doi.org/10.20431/2349-0349.1208003); DOMINGUES, P. L.; SILVA, R. T. . Applicability of the Servqual Scale for Analyzing the Perceived Quality of Public Health Services during the Covid-19 Pandemic in the Municipality of Três Rios/RJ, Brazil. *International Journal of Managerial Studies and Research (IJMSR)*, v. 12, p. 17-18, 2024.
<https://doi.org/10.20431/2349-0349.1208003>



LIMA, L. A. O; SILVA, L. L.; DOMINGUES JÚNIOR, P. L. Qualidade de Vida no Trabalho segundo as percepções dos funcionários públicos de uma Unidade Básica de Saúde (UBS). **REVISTA DE CARREIRAS E PESSOAS**, v. 14, p. 346-359, 2024.

<https://doi.org/10.23925/recape.v14i2.60020>

PAIM JS. Sistema Único de Saúde (SUS) aos 30 anos. *Ciência & Saúde Coletiva*, 23(6):1723-1728, 2018.

PEDUZZI M. O SUS é interprofissional. *Interface - Comunicação Saúde Educação*, 20(56), 2016.

SANTOS L, CAMPOS GWS. SUS Brasil: a região de saúde como caminho. *Saúde Soc. São Paulo*, 24(2):438-446, 2015.

SILVA, L. S. Universalidade do acesso e acessibilidade no cotidiano da atenção primária: vivências de usuários do SUS. *R. Enferm. Cent. O. Min.* [Internet], 2020.

TETEMANN, E. C.; TRUGILHO, S. M.; SOGAME, L. C. M. Universalidade e Territorialização no SUS: contradições e tensões inerentes. *Textos Contextos (Porto Alegre)* [Internet], 2016.